

# **Uma hipótese de ligação entre Carlos Drummond de Andrade e a poesia brasileira contemporânea: a “Vida menor”**

Jaime Ginzburg

A profunda complexidade da política brasileira na primeira metade do século XX pode ser observada em vários campos da esfera pública, na vida ideológica, na organização jurídica e na formação de dinâmicas urbanas de trabalho. Uma das faces dessa complexidade está na produção cultural que, não sem contradições, dialoga com as tensões da sociedade brasileira, apresentando impasses decisivos.

O livro *A rosa do povo*, de Carlos Drummond de Andrade, publicado em 1945, já foi examinado por historiadores e críticos literários, como um livro voltado para a militância. Vagner Camilo estudou suas relações com o ambiente ideológico em torno do Partido Comunista Brasileiro<sup>1</sup>. Iumna Maria Simon discutiu as relações do livro com a literatura engajada, nele encontrando uma ambigüidade constitutiva, a articulação de uma expectativa de mudanças com um senso de limitações da poesia para a capacidade de intervenção<sup>2</sup>.

Podemos pensar no contexto de elaboração de *A rosa do povo* com base em trabalhos de Márcio Seligmann-Silva que relacionam história e literatura com a categoria do trauma. O autor, centrado em sua pesquisa sobre o holocausto, desenvolveu uma proposta conceitual que consiste em pensar a história como trauma. Trata-se de compreender o passado em uma elaboração para a qual a consciência não está preparada<sup>3</sup>.

Renato Janine Ribeiro elaborou uma reflexão sobre o assunto dentro do quadro histórico especificamente brasileiro. Para ele, o país viveu dois

---

<sup>1</sup> Camilo, *Drummond: da Rosa do Povo à Rosa das Trevas*.

<sup>2</sup> Simon, *Drummond: uma poética do risco*.

<sup>3</sup> Seligmann-Silva, “A história como trauma”.

traumas constitutivos: a violência continuada durante a colonização, e a escravidão, estendida após a independência. Os massacres, genocídios, a exploração perversa do espaço e a ausência de bases para instituições sólidas definiram fundamentos da experiência brasileira moderna<sup>4</sup>. Como a sociedade não superou seus traumas, isto é, não elaborou conscientemente as perdas coletivas, permanece sem condições de perceber claramente a si mesma, e os resíduos e heranças da violência retornam constantemente, como fantasmagorias.

Nesse assunto, foi muito importante a contribuição de Sven Kramer, que elaborou o problema do trauma na perspectiva da sua continuidade no tempo. Se uma geração não resolve o trauma vivido, a carga de impacto pode ser retomada pela geração seguinte, e assim sucessivamente. Kramer chama de trauma seqüencial a condição em que as repercussões da violência podem ser persistentemente desdobradas e impregnadas<sup>5</sup>. Nessa perspectiva, a sociedade brasileira atual estaria marcada pelo efeito difuso de violência e repressão de décadas e séculos anteriores.

A leitura de *A rosa do povo*, com o apoio dessas reflexões, leva à observação de que o livro traz em si um diálogo crítico com a violência e a repressão de seu tempo. No contexto brasileiro, a referência é o autoritarismo do Estado Novo. Em um âmbito mais amplo, está presente o impacto da Segunda Guerra Mundial.

Em 1951, Theodor W. Adorno publicou a *Mínima Moralía*, trabalho que apresenta um conjunto de reflexões aforísticas, abordando a regressão e a barbárie que se desenvolveram com a modernização. Profundamente marcado pela Segunda Guerra, o livro coloca em questão os princípios da racionalidade européia tradicional, encontrando manifestações diretas e indiretas da violência em padrões de comportamento e em procedimentos institucionais<sup>6</sup>. Escrito com descontinuidades e fragmentação formal, o livro estuda a presença do inumano no solo histórico do seu presente.

---

<sup>4</sup> Ribeiro, "A dor e a injustiça".

<sup>5</sup> Kramer, "Sobre a relação entre trauma e catarse na literatura".

<sup>6</sup> Adorno, *Mínima Moralía*, *passim*.

Guardando as diferenças entre os respectivos contextos de produção, podemos encontrar uma ligação importante entre *Mínima Moral* e *A rosa do povo*. Adorno procura meios para elaborar a impregnação da violência regressiva na vida social européia, e esse esforço exige o distanciamento com relação a categorias tradicionais, em especial as hegelianas, que ele conhecia bem. Adorno precisava questionar intensamente as concepções de pensamento pautadas pela totalidade, pela plenitude, em razão da proporção abismal tomada pela história com a Segunda Guerra e seus desdobramentos.

A experiência histórica brasileira dos anos 1930 e da primeira metade dos anos 40 está fortemente ligada ao processo de modernização tecnológica, em articulação com o capitalismo internacional. A política brasileira associou ideologicamente a política modernizadora ao controle autoritário da sociedade.

Nas várias formas da retórica conservadora, que permeiam a prosa política e os discursos institucionais desse tempo, encontramos constantemente o elogio da unificação do país, em nome de sua soberania. Entre os princípios conceituais dessa retórica, estão a remissão constante à transcendência, com a legitimação da política por parte de Deus; a perspectiva positiva de vivência do tempo, voltada para a continuidade e o progresso; e a convicção de que a ação prática é decisiva para a concretização dos ideais abstratos.

A concepção de poesia lírica de *A rosa do povo* se distancia deliberadamente de projetos de representação totalizante. A configuração da história do Brasil se afasta esteticamente da unidade. Um dos principais inimigos, em termos de formulação artística, deve ser Plínio Salgado. O escritor, responsável por extensa produção, cultivou fortemente a simbologia da unidade. Esse interesse atendia o propósito, em termos ideológicos, de defesa de uma imagem autoritariamente imposta de um Brasil unificado, a partir de São Paulo, do controle econômico e de uma linguagem repressora<sup>7</sup>.

As diferenças de contextos e mediações são importantes, mas cabe evidenciar um ponto comum entre Adorno e Drummond. Nos dois casos,

---

<sup>7</sup> Salgado, *Obras Completas*.

a incorporação traumática da experiência histórica leva à imagem do *mínimo*. Trata-se de uma imagem que exige uma delimitação interpretativa ponderada.

A experiência configurada como mínimo tem uma ambigüidade. Ela não é uma experiência viável em termos plenos, ela não atinge seu potencial. De outro lado, ela também não é a completa ausência, o vazio total. A imagem do mínimo porta a dubiedade de não estar nos parâmetros esperados do vivido, nem se entregar à morte.

Em Adorno, a presença assustadora do inumano é descrita com categorias negativas. O pensador necessita, constantemente, de termos que permitam perceber a diferença entre as suas expectativas de uma experiência humana passível de atribuição de sentido, e o impacto destrutivo da violência coletiva, dos regimes autoritários e da impessoalidade das instituições.

O livro de Drummond remete a um contexto intelectual pautado, dentro do pensamento hegemônico, por perspectivas excludentes. A defesa do branqueamento de Oliveira Vianna, a adoração do fascismo em Miguel Reale, o anti-semitismo sistemático de Gustavo Barroso tinham uma circulação importante e prestigiada<sup>8</sup>. Contrariando essas correntes ideológicas, Drummond se voltou para a experiência histórica traumática de seu tempo. Considerando os trabalhos de Simon Schwartzman<sup>9</sup> e Maria Celina Araújo<sup>10</sup>, podemos inferir que, resistente a tendências do contexto, pensando em contrariedade aos controles ideológicos de Gustavo Capanema, não defendeu os projetos nacionalistas de Getúlio Vargas, nem a inserção dos indivíduos em planos de modernização.

O interesse de Drummond pela imagem do mínimo está associado a um confronto direto com a retórica conservadora de seu tempo, voltada constantemente para a grandiloquência, as noções de progresso e avanço, a exploração política do discurso do crescimento. Em lugar disso, o livro mergulha no impacto traumático do processo histórico. Ali, de onde ele fala, não há progresso no horizonte, não há superação visível, não há síntese conciliadora.

<sup>8</sup> Vianna, *Evolução do povo brasileiro*; Reale, "O fenômeno fascista"; Barroso, *História secreta do Brasil*.

<sup>9</sup> Schwartzman, *Bases do autoritarismo brasileiro*.

<sup>10</sup> Araújo (org.), *As instituições brasileiras da Era Vargas*.

Reinaldo Martiniano Marques, em sua reflexão sobre Drummond e outros poetas do período, observa uma conexão entre a perspectiva melancólica de elaboração da lírica e a postura de resistência ao autoritarismo do Estado Novo. A crítica da modernização nacionalista está associada, para o autor, à valorização do olhar melancólico sobre o passado<sup>11</sup>. Luiz Roncari observou a problematização da imagem do futuro em *A rosa do povo*, como fator de interesse atual para o livro<sup>12</sup>.

Há um poema, em *A rosa do povo*, em que a imagem do mínimo e a perspectiva melancólica se integram, de modo produtivo e provocador. O texto tem o título “Vida menor”. Cabe deter a atenção sobre esse poema, e pensar como ele pode assumir um papel central nas relações entre produção cultural e tensão política no Brasil.

Destoando da postura exclamativa e das interrogações revoltadas que surgem em outras partes do livro, esse poema apresenta uma economia formal muito específica. A construção rítmica, em que se destaca a enorme quantidade de pausas, permite que o ritmo acentue a idéia, enfatizada por imagens do poema, de sofreguidão e desgaste por parte do sujeito lírico. Falta à fala a condição da fluência. A repetição das palavras “não” e “nem” desenvolve a percepção de que sabemos deste sujeito, sobretudo, o que ele não é, não faz, não realiza. Temos dele uma percepção calcada em lacunas e ausências. A preferência por formas nominais do verbo, o gerúndio e o particípio, contribui para uma configuração em que a experiência não ocorre de modo afirmativo e ativo.

São elementos formais que, como certos traços da pele em Portinari ou certas cenas na água em Mário Peixoto, apontam para uma necessidade estética, em que a elaboração detalhada da forma deve se associar à precariedade dos horizontes da experiência. Rompe-se com a mimese tradicional, com o reconhecimento realista da unidade formal. A relação entre literatura e história se dá em uma condição antagônica. O trauma histórico não pode ser representado mimeticamente, não foi assimilado nem elaborado coletivamente. Seu impacto é elaborado esteticamente como limite. O sujeito não ascende à individualidade burguesa, à emancipação moderna. O lugar de sua constituição é a “vida menor”.

---

<sup>11</sup> Marques, *Tempos modernos, poetas melancólicos*.

<sup>12</sup> Roncari, “O terror na poesia de Drummond”, p. 280.

O título do poema de Drummond pode ser usado, dentro dessa perspectiva, como categoria antropológica, para pensar as condições de constituição da subjetividade, em um ambiente de elevada repressão. É uma imagem que pode assumir a função de um conceito para interpretação histórica.

Como definir o Brasil em 1945, em um momento forte de sua modernização conservadora, atingido pela opressão do autoritarismo de Vargas, impregnado pelo percurso das transformações promovidas em razão da Segunda Guerra Mundial? Como configurar, sem apelar para os discursos fascistas, racistas e anti-semitas, a tensão vivida entre sujeitos singulares e a experiência coletiva? A leitura do poema de Drummond permite elaborar uma hipótese de abordagem de questões como essas.

Percebendo em separado a elite dominante, uma avaliação geral da sociedade brasileira, se utilizarmos as categorias de Gerd Bornheim, levaria à percepção de que o país não formava indivíduos plenos, no sentido dos valores burgueses. O quadro político levava a grande maioria dos brasileiros a não desenvolverem autonomia de pensamento, condições qualificadas de trabalho, capacidade de gerar patrimônio e liberdade de expressão, traços esperados no individualismo burguês<sup>13</sup>. O Brasil em torno de *A rosa do povo* é, nesse sentido, um país que não constitui sujeitos plenos, que não realiza sínteses coletivas harmoniosas em seu processo de modernização; pelo contrário, sua vida política reforça constantemente a inumanidade e a reificação.

O poema de Drummond elabora a configuração crítica de uma série de categorias fundamentais para os pilares do modelo autoritário varguista para a civilização moderna brasileira.

O tempo é elaborado sem linearidade ou continuidade. Em oposição ao horizonte evolutivo da ideologia arianista, e sem viabilizar a imagem modernizadora de um país rumo ao progresso, o tempo se reconfigura, confundindo “manhã e tarde”, e “não mais se divide em seções”, distante da racionalidade cartesiana tradicional.

A ação prática não se define como empreendedora, transformadora, mas se define pelo próprio senso de limite, em gestos “impossíveis” e “inú-

---

<sup>13</sup> Bornheim, “O sujeito e a norma”.

teis”. A poesia, presente na sua forma de canto, reconhece suas limitações, na referência à sua “desnecessidade”. A repercussão do que se faz se perde, como “eco”, ilhado em um verso sem desenvolvimento, sem expansão.

Em contrariedade radical aos escritos de Plínio Salgado, o horizonte do poema de Drummond é destituído de transcendência. Não há busca do “eterno” ou do “divino”. Além disso, a imagem da “mão” fortalece a percepção em movimento abismal, com o percurso vertiginoso de um crescimento para a enormidade, a que se segue o desaparecimento.

Seguindo o argumento de Reinaldo Martiniano Marques, encontramos em “Vida menor” uma perspectiva melancólica, principalmente pelo impacto das perdas, envolvendo o amor e a memória, perdas constitutivas que, remetendo ao conjunto de imagens, acentuam a impossibilidade de estabelecer uma expectativa de experiências plenas.

No poema, o adjetivo “mínima” é utilizado para a caracterização definidora da vida. Trata-se de uma condição em que não é possível ambicionar plenitude, mas também não se deseja o oposto, não se pede a morte. A vida é “mínima” e “irredutível”, de modo que sua condição precária é constitutiva, e não incidental. O estranhamento do sujeito com relação a esse estado de precariedade irredutível aparece logo no início do poema, com a fuga de “si mesmo”, a atitude negativa do sujeito com relação a si.

Essa atitude se refere tanto à realidade (o “real”) como à imaginação (o “feérico”), e, mais do que isso, ao próprio percurso do sujeito, “fuga da fuga”. Por desenvolver uma atitude negativa com relação às diversas possibilidades da existência, o sujeito aponta para a própria experiência como um “exílio”. Colapso do próprio centramento, o exílio permite ao sujeito referir a si mesmo, ambigualmente, como estando dentro e fora de sua própria experiência, vivenciando e negando o que a ele e nele se apresenta.

A partir das idéias de Márcio Seligmann-Silva, Renato Janine Ribeiro e Sven Kramer, podemos entender “Vida menor” como um texto constituído em perspectiva traumática. Não há um passado assimilável, a memória foi perdida. Não há condição de ação prática ou de aceitação da realidade imediata. A posição precária e abjeta, contemplativa e meditativa, é reflexiva, sem ser linear ou cartesiana.

Em uma leitura alegórica de inspiração benjaminiana, o poema elabora, de modo fragmentário e melancólico, os limites da constituição do sujeito, em diálogo com um contexto no qual os horizontes de transcendência e superação de limites estão ausentes. Relacionando texto e contexto, percebemos no sujeito lírico de “Vida menor” elementos de uma experiência profundamente atingida pela atrofia da liberdade e pela contenção de impulsos emancipatórios.

Como culminância da crítica à retórica grandiloquente do autoritarismo brasileiro, em vez de buscar o país da afirmação, o sujeito declara ao final buscar “apenas o vivo, o pequenino, calado, indiferente e solitário”. Descolado do repertório de vocabulário do poder hegemônico, o sujeito se volta para o interesse pelo que não tem empatia com o que ocorre à volta, com o que está isolado, com o mínimo.

O contexto histórico social brasileiro não eliminou inteiramente problemas vividos nas décadas de 1930 e 40. Em acordo com as reflexões sociológicas de Jose Antonio Segatto, Paulo Sérgio Pinheiro, Jose Vicente Tavares dos Santos e Oscar Vilhena Vieira, entre outros, existe uma continuidade de elementos institucionais conservadores na sociedade contemporânea. Os regimes ditatoriais não foram estanques, os seus componentes autoritários se desdobraram em diversas escalas.

Ao olhar para a contemporaneidade, podemos utilizar duas lentes complementares. Uma é concedida pelos referidos pesquisadores em ciências sociais, que evitam o otimismo e percebem no contemporâneo rastros de estruturas autoritárias de décadas anteriores. Outra, formulada por Sven Kramer, permite questionar em que medida a permanência de impactos traumáticos pode atravessar gerações, de acordo com a noção de trauma seqüencial.

A esses olhares se soma a reflexão de Roberto Vecchi que, ao avaliar a modernidade no Brasil, examina sua “violência latente”, nela encontrando um “continuísmo camuflado entre presente e passado”, um movimento ambíguo em que se articulam permanência e transformação<sup>14</sup>.

A literatura contemporânea poderia, nesse sentido, estar pautada, de modo não excludente, por dois referenciais – o impacto da violência do

---

<sup>14</sup> Vecchi, “Seja moderno, seja brutal: a loucura como profecia da história em Lima Barreto”, p.113.

passado, que atravessa décadas e gerações, e as especificidades da violência contemporânea. Para a literatura brasileira, essa dupla constituição acentuou a exigência de enfrentamento de problemas delicados.

Nesse horizonte, a leitura de quatro poemas serve como motivação para situar o problema. Escolhemos “Cogito”, de Torquato Neto, “Dilema”, de Antonio Cícero, “Restos de um homem”, de Lara de Lemos, e “O futuro é agora”, de Marcos Siscar.

Tomemos a hipótese de que Carlos Drummond de Andrade tenha, em perspectiva alegórica, proposto uma interpretação do Brasil, com a imagem da *vida menor*, e que essa imagem possa servir como referência para uma chave antropológica. Assumindo essa hipótese, podemos elaborar o seguinte: os quatro poemas fazem parte de um conjunto vasto e aberto de textos literários que colocam desafios para a crítica literária brasileira. Guardada a percepção da pluralidade e da heterogeneidade da produção contemporânea, considerado o fato de serem poemas escritos por autores em datas diversas, em estilos próprios, podemos entre eles observar afinidades eletivas.

Mais do que isso, podemos pensar afinidades eletivas entre o poema de Drummond, de 1945, e esses quatro textos, que se referem ao âmbito histórico da ditadura militar e da cultura pós-ditatorial. Se as reflexões sociológicas encaminham para a necessidade de pensar as conexões entre o passado e o presente, na literatura brasileira o mapeamento de ligações intertextuais, diretas ou indiretas, permite, em perspectiva comparatista, rever a relevância que os textos específicos podem apresentar. Para além disso, essa mesma posição crítica pode situar uma corrente subterrânea na poesia lírica brasileira, integrando vozes individuais e impasses coletivos, como historiografia inconsciente dos conflitos sociais.

Imagens que se integram ao campo de referências da *vida menor* são, por exemplo, o som do coração em Siscar, “quase não o ouço”, os resíduos corporais em Lemos, “teus despojos”, e a redução do todo à parte em Torquato, “feito um pedaço de mim”.

O poema de Torquato Neto, especificamente, ao abordar desde o título o “Cogito”, permite elaborar uma reflexão sobre o processo de constituição do sujeito. A definição se pauta negativamente por lacunas – “sem grandes segredos dantes/sem novos secretos dentes” – e pela percepção da finitude – “vivo tranqüilamente todas as horas do fim”.

Ao elaborar uma definição de si, o sujeito inclui em seu percurso uma observação gramatical, uma manifestação da impossibilidade, e elementos como o imediatismo, a tautologia, e a dissociação de si. Em contraposição à tradição cartesiana, o sujeito não se mostra capaz de dominar a si mesmo ou à natureza, ele não organiza em critérios lógicos e racionais a percepção, mas é lançado negativamente na indeterminação de seu próprio processo constitutivo.

Chama a atenção em “Cogito” o confronto com a temporalidade. Há uma insistência no presente, “agora”, “nesta hora”, “presente”, articulada com uma percepção lacônica do passado, e uma expectativa de esgotamento do futuro. As proporções desiguais apontam para uma exigência contundente de prestar atenção no presente, sem nostalgia, e sem utopia. “Tanto o futuro quanto o passado seriam, então, possibilidades não dominantes no presente”<sup>15</sup>, estabelecendo uma tensão entre a vivência imediata e as condições para atribuição de sentido à existência.

Essa hipertrofia remete ao poema em prosa de Siscar, cujo título, “O futuro é agora”, acentua a ênfase na percepção do imediato em detrimento de um distanciamento. Na memória, sugere o poema, “muita coisa desaparece”. O futuro, sugere a paisagem celeste, verá, com o “desaquecimento das estrelas”, a consumação da “última utopia”. Como em Torquato Neto, em Siscar existe uma perturbadora atenção ao presente, em que passado e futuro não garantem atribuição de sentido à experiência.

Tanto em Torquato Neto como em Marcos Siscar, é apresentada uma forma trágica e residual da *vida menor*, uma vida em que o tempo se restringe, em que o presente é pesadamente sólido, e o passado e o futuro perdem consistência.

O poema de Antonio Cícero trabalha, de diferente maneira, com uma cisão interna do sujeito. Como em Torquato Neto, encontramos aqui a tautologia (“é que no fundo de mim estou eu/e no fundo de mim estou eu”) e a dissociação da imagem de si (“sou feito de um mundo imenso/imerso num universo/que não é feito de mim/mas mesmo isso é controverso”). A procura do “certo” em um fluir que “confunde” e é “disperso” leva a uma imagem paradoxal – “no fundo de mim/sou sem fundo”. Se a imagem de um “sem fundo” produz uma vertiginosa configuração de subversão das

---

<sup>15</sup> Natali, *A política da nostalgia*, p. 125.

medidas, a vertigem não escapa às categorias do pensamento do próprio sujeito, em que estranho e familiar se encontram e se questionam.

Trata-se de imagem muito próxima da que finaliza o poema de Lara de Lemos, “A memória/cavou seu fundo poço”. Tanto o sujeito “sem fundo” de Cícero como a voz criada por Lemos estão diante de uma profundidade que remove as certezas cartesianas. Nos dois casos, a constituição do sujeito é elaborada como descentramento vertiginoso. Se em Cícero a situação se configura como “Dilema”, em Lemos é um processo residual, em que “já não resta mais osso sobre osso”. Entre os quatro poemas, este de Lemos é o que mais se volta para a percepção do passado e a interpretação do presente à luz do que ocorreu. Descreve um agônico esvaziamento da experiência, com imagens abjetas e cadavéricas.

A percepção da finitude aparece em “Dilema”, em “sei que não sou sem fim”, em “Cogito”, em “vivo tranqüilamente/todas as horas do fim”, e em “O futuro é agora”, em “Concentro-me para que ele não pare de bater”. No caso de Lara de Lemos a percepção da morte configura o ponto de vista, e define as elaborações do corpo e do tempo.

Os quatro poemas são integrados por pontos em comum – processos negativos de constituição do sujeito, imagens de precariedade e cisão, ruptura com a estabilidade de categorias cartesianas de percepção. As diferenças entre eles são muitas, mas cabe insistir em questionar como as afinidades eletivas entre eles apontam para um problema histórico.

Nesses poemas não encontramos cenas de violência física, explicitações de agressão, ou de imagens de militares armados. Isso não impede, no entanto, que a formulação de uma hipótese de interpretação dos textos leve em conta a violência social brasileira.

Nesses poemas encontramos imagens que correspondem diretamente a uma vulnerabilidade, tal como entende Judith Butler. Trata-se de uma condição de existência em que, para alguém do processo de individualização, surge o risco de aniquilação, a sujeição à cisão. Essa configuração negativa de um eu que não chega a ser inteiramente um eu, e mesmo assim tem de elaborar um discurso sobre si, é própria, para Butler, de contextos em que a definição de humano é relativizada pela intensidade da violência social<sup>16</sup>.

---

<sup>16</sup> Butler, *Prekarious life*, p. 31.

Em uma sociedade em que a violência tem um papel constitutivo, como é o caso do Brasil, pode ocorrer que formas estéticas, como historiografia inconsciente do tempo, absorvam antagonismos sociais, não em sua manifestação de superfície, mas em repercussões mediadas.

Não é necessário, para que um processo estético seja relevante, que ele ocupe a totalidade das manifestações de seu tempo, nem que possa ser apresentado em fórmula geral para dar conta exaustivamente de um processo histórico. Contrariamente, é esperado que, em uma sociedade conflitiva e desigual, as manifestações estéticas realizem entre si um debate produtivo, convivendo com tendências transformadoras, diferenças e oposições. Na sociedade brasileira, considerada a partir da década de 1960, os avanços da modernização conservadora acentuaram contradições sociais. Embora esse percurso tenha seus entusiastas, na literatura brasileira têm aparecido vozes de discórdia, capazes de perceber que o individualismo competitivo, que no discurso hegemônico constantemente prega a autonomia e a hipertrofia do eu, não o faz sem ser predatório. A publicidade e o mercado, entre outros fatores, manipulam imagens de modo a satisfazer os interesses reificadores do sistema econômico.

Nesse horizonte, merece atenção e interpretação uma tendência, na literatura brasileira contemporânea, a insistir em um componente negativo da modernidade, a percepção da efemeridade, da finitude, a partir de Baudelaire, da presença de flores do mal, a partir de Lorca, às cinco da tarde.

Em suas variadas manifestações, os quatro poemas aqui lembrados são construções de imagens de exílio. Não no sentido geopolítico, mas no drummondiano. São configurações de sujeito que se distanciam de si mesmos, por desenvolverem atitudes questionadoras com relação às diversas possibilidades da existência.

Em todos eles, está sugerida a dificuldade de estabelecer uma expectativa de plenitude da experiência. Distantes da grandiloquência da ideologia de consumo, os poemas configuram a ausência de horizontes de transcendência. Em nenhum deles é obtida uma síntese harmoniosa da experiência. Em nenhum deles, ocorre o elogio da modernização, ou do tempo linear continuado. Em nenhum deles, a ação prática aparece como meio de transformação eficiente para o indivíduo ou a coletividade.

“Cogito”, “Dilema”, “Restos de um homem” e “O futuro é agora” não foram publicados todos na mesma cidade, nem no mesmo ano. Não são

uniformes em termos de escolha de vocabulário. No entanto, as afinidades eletivas entre eles permitem observar que:

– eles estabelecem entre si relações intertextuais, que apontam para tensões da poesia brasileira contemporânea, que merecem caracterização e pesquisa, envolvendo, para além dos limites deste ensaio, exemplificação e demonstração mais abrangente;

– eles guardam entre si um ponto interior de articulação e convergência, a negatividade da constituição do sujeito;

– eles dão continuidade a princípios de composição do poema “Vida menor”, de Carlos Drummond de Andrade, em termos temáticos e estilísticos.

As afinidades eletivas entre eles permitem elaborar uma hipótese interpretativa. Se aceitarmos que “Vida menor” dialoga, em termos antropológicos e estéticos, com a violência do Estado Novo e da Segunda Guerra Mundial, podemos ponderar o seguinte: na sociedade brasileira contemporânea, considerada a partir da década de 1960, a presença da violência foi renovada e desdobrada. Isso não se restringe a conflitos civis e criminalidade, mas se fundamenta especialmente no Estado, no militarismo e na polícia.

Se a violência pode levar o sujeito a uma contração, em “Vida menor”, com uma percepção da vida pautada pelo mínimo, pelo residual, a expansão contemporânea de modalidades da violência pode motivar uma discussão literária e estética atenta a fatos que não permitem facilidade de explicação e síntese. Pode estar ocorrendo, na poesia brasileira, um movimento antagônico, pautado pela negatividade. Sem constituir unidade coesa ou elaborar doutrina de vanguarda, esse movimento pode estar apontando para um fundamento agônico da produção poética. Usando termos de Karl Scholhammer<sup>17</sup>, se não há como exprimir propriamente uma subjetividade, é possível discutir, ainda que com lacunas, ou talvez em razão delas, parâmetros de uma ética possível.

Em continuidade à *vida menor*, parte da poesia contemporânea encontraria na cisão do sujeito, na problematização do tempo, na vertigem do fundo, na suspensão das referências cartesianas, condições de lidar formalmente com o impacto de uma sociedade conflitiva. Em vez de adotar um discurso próximo do mercado, ou favorável ao capital, escolhe um caminho negativo. Usando termos de Ivete Walty, a dificuldade de estabelecer uma referência identitária exhibe fragilidades da organização so-

---

<sup>17</sup> Scholhammer, “Memórias de delinquência e sobrevivência”, p. 145.

cial, que a poesia pode estar indiciando, ocultas ou reveladas<sup>18</sup>.

“Cogito”, “Dilema”, “Restos de um homem” e “O futuro é agora” escolhem o caminho da precariedade. No contexto histórico em que surgem, essa precariedade não se explica de modo metafísico, nem por generalizações universalizantes. É um debate, travado pelo sujeito consigo mesmo, colocando em questão sua capacidade de viver em condições residuais. Em uma sociedade que, em confronto constante consigo mesma, tenta viver em condições residuais econômicas e institucionais. Diante do fundo do poço, em que muita coisa desaparece, até as horas do fim, com desejo perdido. Feito um pedaço de si, em vida menor.

## Transcrição dos poemas

### Vida menor

A fuga do real,  
 ainda mais longe a fuga do feérico,  
 mais longe de tudo, a fuga de si mesmo,  
 a fuga da fuga, o exílio  
 sem água e palavra, a perda  
 voluntária de amor e memória,  
 o eco  
 já não correspondendo ao apelo, e este fundindo-se,  
 a mão tornando-se enorme e desaparecendo  
 desfigurada, todos os gestos afinal impossíveis,  
 senão inúteis,  
 a desnecessidade do canto, a limpeza  
 da cor, nem braço a mover-se nem unha crescendo.  
 Não a morte, contudo.

Mas a vida: captada em sua forma irredutível,  
 já sem ornato ou comentário melódico,  
 vida a que aspiramos como paz no cansaço  
 (não a morte),  
 vida mínima, essencial; um início; um sono;  
 menos que terra, sem calor; sem ciência nem ironia;

---

<sup>18</sup> Walty, “Testemunha estomacal: fome e escrita”, p. 32.

o que se possa desejar de menos cruel: vida  
em que o ar, não respirado, mas me envolva;  
nenhum gasto de tecidos; ausência deles;  
confusão entre manhã e tarde, já sem dor,  
porque o tempo não mais se divide em seções; o tempo  
elidido, domado.

Não o morto nem o eterno ou o divino,  
apenas o vivo, o pequenino, calado, indiferente  
e solitário vivo.

Isso eu procuro<sup>19</sup>.

### **O futuro é agora**

O ácido sulfúrico vai evaporar em temperatura ambiente daqui a 500 anos. Mas meu sangue já chegou à seringa. E antes que o desaquecimento das estrelas consuma a última utopia, dentro do meu peito, o coração pulsa. Quase não o ouço. Concentro-me para que ele não pare de bater. Qualquer distração pode ser fatal. Há tempos, mandei-me uma mensagem ao futuro. Hoje, escrevo mensagens eletrônicas em prosa límpida e vou lançando, uma a uma, para mim mesmo, como quem lança perto da janela do prédio as folhas de um velho caderno. O retorno é provável, mas não é garantido. Muita coisa desaparece no sopro da memória, na caligrafia ilegível, entre os impulsos elétricos e nervosos que me mantêm<sup>20</sup>.

### **Restos de um homem**

Inútil que reclames  
teus despojos.

Tento em vão restaurar-te  
no mito das lembranças  
no sigilo da carne  
na intimidade das entranhas.

A mandíbula do tempo  
é implacável.  
Já não resta mais  
osso sobre osso.

---

<sup>19</sup> Andrade, *Nova reunião*, pp. 139-40.

<sup>20</sup> Siscar, *O roubo do silêncio*, p. 53.

A memória  
cavou seu fundo poço<sup>21</sup>.

### **Cogito**

eu sou como eu sou  
pronome  
pessoal intransferível  
do homem que iniciei  
na medida do impossível.

eu sou como eu sou  
agora  
sem grandes segredos dantes  
sem novos secretos dentes  
nesta hora

eu sou como eu sou  
presente  
desferrolhado indecente  
feito um pedaço de mim

eu sou como eu sou  
vidente  
e vivo tranqüilamente  
todas as horas do fim<sup>22</sup>.

### **Dilema**

o que muito me confunde  
é que no fundo de mim estou eu  
e no fundo de mim estou eu.  
No fundo  
sei que não sou sem fim  
e sou feito de um mundo imenso  
imerso num universo  
que não é feito de mim.

---

<sup>21</sup> Lemos, *Adaga lavrada*, p. 53.

<sup>22</sup> Neto, "Cogito", pp. 65-6.

Mas mesmo isso é controverso  
 se nos versos de um poema  
 perverso sai o reverso.  
 Disperso num tal dilema  
 o certo é reconhecer: no fundo de mim  
 sou sem fundo<sup>23</sup>.

## Referências bibliográficas

- ADORNO, Theodor. *Mínima Moralía*. São Paulo: Ática, 1992.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Nova reunião*. Rio de Janeiro: Record, 1987. v. 1.
- ARAÚJO, Maria Celina (org.). *As instituições brasileiras da Era Vargas*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ/Ed. FGV, 1999.
- BARROSO, Gustavo. *História secreta do Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1939. T. 1.
- BORNHEIM, Gerd. “O sujeito e a norma”, em BIGNOTTO, Newton *et al.* *Ética*. São Paulo: Companhia das Letras/SMC, 1992.
- BUTLER, Judith. *Precarious life: the powers of mourning and violence*. New York: Verso, 2004.
- CAMILO, Vagner. *Drummond: da Rosa do Povo à Rosa das Trevas*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.
- CÍCERO, Antonio. *Guardar*. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- KRAMER, Sven. “Sobre a relação entre trauma e catarse na literatura”, em DUARTE, Rodrigo *et al.* *Katharsis: reflexões de um conceito estético*. Belo Horizonte: C/Arte, 2002.
- LEMONS, Lara de. *Adaga lavrada*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.
- MARQUES, Reinaldo Martiniano. “Tempos modernos, poetas melancólicos”, em SOUZA, Eneida Maria. *Modernidades tardias*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- NATALI, Marcos Piason. *A política da nostalgia*. São Paulo: Nankin, 2007.
- NETO, Torquato. Cogito. em HOLLANDA, Heloísa Buarque de. *26 poetas hoje*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001.
- PINHEIRO, Paulo Sérgio. *Escritos indignados*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- REALE, Miguel. “O fenômeno fascista”, em \_\_\_\_\_. *Obras políticas*. Brasília: Ed. UNB, 1983.

<sup>23</sup> Cícero, *Guardar*, p. 37.

- RIBEIRO, Renato Janine. “A dor e a injustiça”, em COSTA, Jurandir Freire. *Razões públicas, emoções privadas*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- RONCARI, Luiz. “O terror na poesia de Drummond”, em \_\_\_\_\_. *O cão do sertão: literatura e engajamento*. São Paulo: Ed. Unesp, 2007.
- SALGADO, Plínio. *Obras completas*. São Paulo: Editora das Américas, 1956. v. 19.
- SANTOS, José Vicente e TIRELLI, Cláudia. “A ordem pública e o ofício da polícia: a impunidade na sociedade brasileira”, em SOUSA, Edson Luiz (org.). *Psicanálise e colonização*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1999.
- SCHOLLHAMMER, Karl Erik. “Memórias de delinquência e sobrevivência”, em \_\_\_\_\_ e OLINTO, Heidrun (orgs.). *Literatura e memória*. Rio de Janeiro: Galo Branco, 2006.
- SCHWARTZMAN, Simon. *Bases do autoritarismo brasileiro*. Rio de Janeiro: Campus, 1988.
- SEGATTO, José Antonio. “Cidadania de ficção”, em \_\_\_\_\_ e BALDAN, Ude (org.). *Sociedade e literatura no Brasil*. São Paulo: UNESP, 1999.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. “A história como trauma”, em SELIGMANN-SILVA, Márcio e NESTROVSKI, Arthur (org.). *Catástrofe e representação*. São Paulo: Escuta, 2000.
- SIMON, Iumna Maria. *Drummond: uma poética do risco*. São Paulo: Ática, 1978.
- SISCAR, Marcos. *O roubo do silêncio*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006.
- VECCHI, Roberto. “Seja moderno, seja brutal: a loucura como profecia da história em Lima Barreto”, em HARDMAN, Francisco Foot (org.). *Morte e progresso: cultura brasileira como apagamento de rastros*. São Paulo: Ed. Unesp, 1988.
- VIANNA, Oliveira. *Evolução do povo brasileiro*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956.
- VIEIRA, Oscar Vilhena. “Sociedade X Estado”. *Revista USP*, nº. 9. São Paulo, 1991.
- WALTY, Ivete. “Testemunha estomacal: fome e escrita”. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, nº. 27. Brasília, jul.-dez. 2006.

Recebido em maio de 2007.

Aprovado em junho de 2007.